

## Como Encontrar o Futuro em João dos Santos?

Maria José Vidigal

### Resumo

A Autora refere que teve o privilégio de conhecer, e de trabalhar, com João dos Santos, o que lhe permite dar a conhecer o psiquiatra, o médico e o pedagogo que introduziu em Portugal a modernidade na maneira de observar, de estar com a criança, e que ainda mantém actualidade. Se desde muito cedo (anos 40 do século XX) esteve ligado aos problemas da educação, também lutou pela necessidade de os serviços de saúde materno-infantis estabelecerem medidas preventivas ao nível da saúde mental infantil. Considerava que a saúde mental não é um campo estritamente médico e que era um “assunto demasiado sério para ser entregue só aos psiquiatras,” necessitando da contribuição de sociólogos, filósofos, educadores, urbanistas... Para João dos Santos, a prevenção e a investigação são as actividades nobres da saúde mental infantil.

**Palavras-chave:** João dos Santos; Saúde Mental; Psiquiatria da Infância e da Adolescência

### Como Encontrar o Futuro em João dos Santos?

João dos Santos (1913-1985), oriundo de uma família da média burguesia, de um bairro antigo da cidade de Lisboa, era um Homem de elevadas qualidades cívico-associativas, criador de várias Instituições e que lançou a Psiquiatria da Infância e da Adolescência em Portugal e a nível europeu. Ao falar com o psiquiatra, seu grande amigo e companheiro, Pistachinni Galvão (1923-2013), este afirmou, na década de 70 do século XX: “*Maria José, tivemos muita sorte em termos conhecido e termos sido formados por João dos Santos que foi, sem dúvida, um daqueles Homens que raramente aparecem no panorama científico do nosso país*”.

J. dos Santos foi educado de acordo com os valores da liberdade, por um pai que se bateu pela república, sob as ordens de Machado dos Santos (1875-1921), que lutou pelos ideais republicanos, que foi preso, deportado para os Açores e depois assassinado em Lisboa.

A sua educação audiovisual recebeu-a “*através das janelas do Mosteiro de S. Vicente que dá sobre o porto de Lisboa e nas incursões que fazia à Mouraria, Alfama, Campo da Cebolas e às docas das imediações*” e outros bairros, praças e jardins, até no Campo de Santana, onde assistiu às cerimónias de homenagem ao Dr. Souza Martins, que tem uma estátua em frente à Escola Médica. Este médico foi professor na Faculdade de Medicina de Lisboa e ficou célebre pelos conhecimentos científicos, era idolatrado pelos pobres, considerado “milagreiro”.

---

“Como Encontrar o Futuro em João dos Santos?” foi uma Conferência realizada na Associação PsiRelacional em Janeiro de 2018.

Também havia os encontros clandestinos com amigos, conhecidos e desconhecidos. A dois passos ficava a Faculdade de Direito e havia então reuniões dos alunos das duas Faculdades.

João dos Santos começou por tirar o Curso da Escola Superior de Educação Física e foi professor no ensino privado e nos Cursos de Divulgação de Educação Física, nos bairros populares de Lisboa. Em seguida licenciou-se em Medicina e fez o estágio em Neurologia.

Desde jovem compreendeu que a Educação e a Saúde tinham que ver com a democracia e que eram incompatíveis com a ausência de Liberdade. De facto, era um Homem moderno e intemporal e... movia-se sempre no sentido da descoberta. A sua formação humanista e democrática, possivelmente ter-se-á cimentado no contacto, sobretudo em Paris, com grandes intelectuais.

Em 1941, Santos estagiou numa instituição onde se fazia o diagnóstico, tratamento e reeducação das crianças e adolescentes de todo o país que manifestavam anomalias psíquicas - era o Instituto António Aurélio da Costa Ferreira. Eu própria ainda fui à Biblioteca desse Instituto, que era uma das melhores do país, se não mesmo da Europa, pela intervenção do Prof. Victor Fontes. Tinha um ficheiro muito bem organizado, que me serviu de inspiração.

Todavia, a faceta centralizadora do I.A.A.C.F., desencantou-o de tal modo que o levou a pedir a demissão para ir trabalhar para o Hospital Júlio de Matos (1941), iniciando a prática com o seu Mestre Professor Barahona Fernandes.

Entretanto, por ter assinado um documento a pedir eleições livres, a 5 de Janeiro de 1945, saiu um Despacho emitido pelo Subsecretário de Estado de Assistência Social, Trigo de Negreiros, que referia: *“Declaro sem efeito o meu Despacho de Setembro de 1945 na parte em que autorizo o Hospital Júlio de Matos a contratar o médico João Augusto dos Santos”*.

Nessa altura foi chamado ao subsecretário para lhe comunicarem que era não só demitido das suas funções oficiais, mas também ficava proibido de entrar naquele ou em qualquer outro hospital. Numa atitude corajosa e arriscada, o Prof. Barahona Fernandes escreveu: *“Enquanto eu for director deste Hospital, o Dr. João dos Santos entrará no meu Serviço quando quiser!”* (22 de Janeiro de 1940). João dos Santos não entrava pelo portão principal, mas por um outro ao lado, que era o do acesso à casa do Professor. Porque ficou sem remuneração e para evitar problemas a Barahona Fernandes, a quem ficou sempre grato, partiu para Paris com a família em 1946 onde trabalhou, durante quatro anos, no Centro de Pesquisas Científicas de França e no Laboratório de Biopsicologia da Criança, contactando com grandes nomes da Psicologia, Psiquiatria e da Psicanálise, tais como, Wallon, Heuyer, Ajuriaguerra, Henri Ey, depois com Diatkine, Serge Lebovici. Estes dois últimos seguiram as novas correntes psicodinâmicas e tornaram-se

psicanalistas. Lebovici foi o pioneiro da psicanálise infantil em França. O seu contacto estendeu-se também a outros intelectuais e artistas nomeadamente Picasso, Paul Eluard, Louis Aragon, e a portugueses (Alves Redol, Lopes Graça...) que também estavam no Congresso Mundial dos Intelectuais para a Paz, em Varsóvia (ainda em ruínas na sequência da II Guerra Mundial), na Polónia, em Agosto de 1948, em homenagem a este povo mártir.

Em 1947, João dos Santos foi admitido pela Comissão de Ensino na Sociedade Psicanalítica de Paris e, em 1950, regressou a Portugal. Nessa época foi nomeado Director do Centro de Saúde Mental Infantil de Lisboa, em detrimento do Professor Schenberg de Atayde. Com poucos técnicos, começou por visitar todas as instituições dedicadas à infância, de Lisboa e Grande Lisboa. A primeira visita (à noite), foi ao Instituto Costa Ferreira, onde ele, no passado, tinha sido Assistente. Eu própria tive a oportunidade de assistir a essa reunião, se bem que fosse estagiária no Hospital Júlio de Matos, tendo como Assistente António Esteves, recentemente falecido. Aliás, foi ele que me apresentou, dizendo: *“Aqui está o Dr. João dos Santos, a pessoa com quem você poderá aprender psiquiatria da criança.”* Então J. dos Santos convidou-me a assistir às reuniões que ele fazia na Clínica Infantil e a outras, tal como no Costa Ferreira. A que foi realizada nesta instituição, uma jovem professora, bonita, apresentou o caso de uma criança que tinha sido seguida, sem sucesso (como teve o cuidado de sublinhar), no CSMI, acabado de se formar. A senhora utilizou uma técnica de Victor Fontes que compreendia, entre outras coisas, a apresentação de uma série de pranchas e exprimia-se com muito entusiasmo. Depois Victor Fontes perguntou-lhe qual a opinião sobre o método que tinha sido utilizado para levar a tal sucesso. A resposta de Santos, não agradou minimamente a V. Fontes: *“O que salvou esta criança, evitando o fracasso escolar, foi a extraordinária relação que a professora estabeleceu com ela ...”*. No Costa Ferreira, no início, ninguém podia falar em João dos Santos, mas depois os ânimos acalmaram-se, devendo-se essencialmente à capacidade conciliadora de Santos.

Uma primeira grande lição, à época verdadeiramente revolucionária e, sem cair em exageros: *as famílias e as crianças que atendemos nos Serviços Públicos, merecem-nos tanto respeito como as que atendemos no privado*. Isto significava que a maneira de receber as pessoas, a pragmática social adequada à situação, não diferia quer se estivesse num local ou noutro. E, de igual modo, o não fazer esperar as famílias, como era corrente nos serviços públicos. E assim, a prostituta que *actuava* no Cais do Sodré, era recebida com a mesma deferência que a doutora que vinha à consulta! O efeito e o impacto que esta atitude tinha sobre as mães, só é possível apreciar e valorizar quando se viveu uma tal situação.

Era um gosto vê-lo observar uma criança, nunca interpondo uma mesa ou secretária e, como dizia *“em primeiro lugar, é necessário deixarmo-nos observar...”*. João dos Santos actuava da mesma maneira, estivesse no serviço público ou no consultório, como tive ocasião de observar. Além de psicanalista de adultos, ele reservava uma

tarde por semana para crianças e respectivas famílias, com a colaboração dos colegas mais novos, seguiram-se vários, tal como Manuela Reis, Margarida Mendo, eu própria, depois Teresa Ferreira e seguiram-se outros... foi uma experiência fundamental para a minha formação. Ele fazia a entrevista com os pais e eu observava a criança. Depois vinha ter comigo ao gabinete e colocava a questão: *“Porque é que acha que os pais pediram a consulta?”* Foi a forma mais importante de aprendizagem da clínica de psiquiatria da infância.

Santos dinamizou e participou na fundação de instituições e serviços, abrangendo diversas áreas da Saúde e da Educação, dando uma nova perspectiva à Prevenção e ao tratamento das perturbações psíquicas da criança.

Em 1954, fundou com Rosa Benfeito, o Colégio Claparède e com Maria Amália Borges (1919-1971) criaram os dois primeiros centros psicopedagógicos - na Voz do Operário e no Colégio Moderno (que pertencia a Mário Soares, que foi Presidente da República, em Portugal, após o 25 de Abril). Anos depois fundou o Centro Infantil Helen Keller, a Liga Portuguesa dos Deficientes Motores, a Associação Portuguesa dos Surdos.

E não parava: assim, criou ou ajudou a criar uma série de instituições e fundou com as médicas Maria de Lurdes Levy (1921- 2015), a segunda mulher a doutorar-se em Medicina, em Portugal, e Dora Bettencourt, a Liga Portuguesa contra a Epilepsia e colaborou na criação do Centro de Saúde Mental Infantil de Lisboa, do qual foi o 1º Director, na década de 60 do século XX. No Dispensário Central e no Hospital Pediátrico Dona Estefânia existiam equipas de serviço ambulatorio, tal como nas Clínicas Infantis do Hospital Júlio de Matos. Também foram criados outros serviços: Laboratórios de Bioquímica e de Electroencefalografia; a Escola dos Cedros (Serviço para Adolescentes); a Unidade da Primeira Infância (UPI); a Casa da Praia - Externato de Pedagogia Experimental. Foi o inspirador do IAC – Instituto de Apoio à Criança. E promoveu colóquios e seminários para alertar os técnicos e políticos para os problemas das crianças. E, como disse João Sousa Monteiro ele criava coisas não para as reter, mas para as lançar...

No Serviço de Psiquiatria do Hospital de Santa Maria, de manhã, fazia reuniões abertas com os psiquiatras, às quais eu também assisti, em que apresentavam doentes difíceis para que ele os entrevistasse e os ajudasse na orientação. Foi desta forma informal que sensibilizou uma série de técnicos de todas as especialidades nas áreas da Psiquiatria, da Psicologia, da Educação, da Saúde, da Justiça.

João dos Santos considerava que a construção da saúde mental se iniciava na infância precoce, mesmo antes do nascimento, e assim, a investigação nesta área, em Portugal, teve início há mais de 50 anos, em que lançou a psiquiatria da infância e da adolescência, a nível europeu. Além disso, considerava que a saúde mental não é um campo estritamente médico, necessitando da contribuição dos educadores (professores), de sociólogos, filósofos, urbanistas, e que era um assunto demasiado sério para ser entregue só aos psiquiatras.

João dos Santos foi o criador da moderna saúde mental infantil em Portugal e o grande impulsionador na viragem da especialidade de Psiquiatria Infanto-Juvenil, que passou depois a uma especialidade autónoma em relação à Psiquiatria Geral.

Mas mais: devolveu-nos um novo olhar sobre o desenvolvimento da criança e sobre a educação na família, na escola e na comunidade, criando concepções originais para a formação de pais e professores. Com o seu jeito muito particular, de voz pausada e tranquila, lutou pela criação de serviços de saúde mental que continham as sementes da prática e dos princípios científicos que preparavam o futuro.

Criou uma obra que ainda hoje ajuda a compreender as causas mais profundas do sofrimento psíquico da criança, do adolescente e do jovem. Mas o seu interesse também se estendia em ter uma relação muito viva com a Arte e os artistas e em chamar a atenção para a responsabilidade de cada um na vida pública.

Santos, na década de 60, do século passado, criticava a escola em Portugal porque não desenvolvia as capacidades criativas da criança. Cerca de 40 anos mais tarde, em 1998, Sir Ken Robinson, líder cultural visionário que liderou o Comité Consultivo sobre a criatividade e a educação cultural no Governo britânico, chegou à mesma conclusão: as escolas estavam de facto a criar bons trabalhadores, mas não pensadores criativos! João dos Santos defendia o *sonhar e o pensar* para se opor à administração indiscriminada de drogas, de que *apenas faziam bem aos calos e à queda do cabelo*, como ironizava.

Há cerca de 60 anos dizia que o mais importante no nosso trabalho, consistia em estabelecer, em primeiro lugar, uma relação com a criança cliente, depois com os pais consultantes, ambos potencialmente clientes, tendo necessidade de cuidados. Assim, para além do seu interesse pela criança, também não esqueceu os pais, estabelecendo com eles uma aliança terapêutica, o que constituía um elemento-chave no tratamento. “*A nossa ambição é a de tornar a sua existência e a dos filhos mais suportável*”, defendia Santos.

Para ele, não fazia sentido, estudar a psicologia ou a psicopatologia da criança como um ser isolado – *estabelecer e fortalecer uma relação humana entre eles, é o nosso objectivo*. Daí o facto de ser perigoso fazer-se uma aliança com a criança contra os pais. No entanto, *tornar relevante o seu papel, não é de modo nenhum culpabilizá-los. Mesmo, por vezes, quando a atitude dos pais é de profunda hostilidade, apenas serve para esconder a sua angústia*. [...] quem vive mal emocionalmente, tem mais probabilidade de adoecer [...].

A família actual, face às rápidas e profundas modificações socioeconómicas, tende a fragmentar-se e a alienar-se, correndo o risco de aparecerem perturbações mentais, particularmente evidentes nas grandes metrópoles.

Pelo facto de ter sido disléxico, desde muito cedo (anos 40 do século passado), João dos Santos esteve ligado aos problemas da educação, quer estudando e discutindo com outros companheiros, quer no plano prático, dialogando com as meninas órfãs e asiladas ou outros meninos das escolas dos Bairros Populares de Lisboa. Estabeleceu contacto com Maria Amália Borges (1919-1971), a primeira mulher em Portugal a formar-se em Pedagogia, a quem se deveu a redescoberta da grande aventura Pedagógica de Freinet (1896-1966) e dos métodos da Escola Moderna, nesse Portugal cinzento e amordaçado.

No Centro Infantil Helen Keller, dedicado às crianças cegas ou com visão deficiente, integraram-se, pela primeira vez em Portugal, crianças sem quaisquer problemas nessa área. E foi nesta escola ímpar que se introduziu a pedagogia de Freinet, instituição à qual João dos Santos também esteve ligado. Aliás, podemos dizer que esteve ligado a todas as correntes modernas e inovadoras no nosso país, quer da área da pedagogia quer da área da saúde mental infantil.

Na década de 60 do século XX, ouvimos João dos Santos criticar e lamentar a indiferença das entidades superiores, quando defendia a necessidade e a obrigatoriedade de se estabelecerem medidas preventivas. E esses programas seriam mais facilmente exequíveis nos Serviços Materno-Infantis dos Centros de Saúde. Daí ter iniciado essa intervenção no Centro Materno-Infantil Dona Sofia Abecassis e, anos depois, no Centro Polivalente Domingos Barreiro, na cidade de Lisboa. Santos defendia que essa integração nunca devia ser imposta por decreto, de modo que, foi a pedido do pediatra Rosa Paixão, ao qual se seguiu uma série de palestras sobre a saúde mental infantil, a partir da qual foi destacada uma pedopsiquiatra (inicialmente eu própria e depois seguiram-se outras colegas).

Curiosamente, foram enfermeiras (Rosélia Ramos e Cunha Teles), formadas pela Escola Técnica de Enfermagem do Instituto Português de Oncologia, que tinham uma melhor formação na área da Prevenção na Saúde Pública e que mais facilmente se sensibilizaram para as medidas preventivas de Saúde Mental. O grande mérito de João dos Santos foi precisamente fazer a integração da Saúde Mental Infanto-Juvenil na Saúde Pública, com a colaboração das enfermeiras, num trabalho muito original e inovador que tivemos o privilégio de acompanhar.

Com as enfermeiras, João dos Santos elaborou um “Standing Orders”, tipo manual, cujo objectivo principal era permitir aos técnicos (Enfermeiros e Pediatras) dos Dispensários Materno-Infantis e Centros de Saúde, detectarem precocemente os sinais ou sintomas, aparentemente banais na criança, para melhoria da saúde mental, e poderem actuar imediatamente, evitando-se a psiquiatrização de certas dificuldades, facilmente resolúveis nesta etapa da vida da criança.

Hoje pode ser uma intervenção corrente e banal, mas não é seguramente nos mesmos moldes. Todavia, naquela época, era profundamente original, mesmo a nível europeu. Experiência idêntica foi realizada no Estado de S. Paulo (Brasil) pelo Professor Yan, mas sem terem conhecimento um do outro.

Outra característica de João dos Santos, a sublinhar: nunca impunha os seus pontos de vista, ou por não se julgar o detentor da verdade ou por respeito ao outro. De facto, ele tinha a atitude do cientista que caminha cautelosamente nas suas explorações da mente e das relações, sem certezas absolutas!

Orabem, surge uma questão fundamental: será possível favorecer o desenvolvimento e a conservação de um elo afectivo estável e seguro entre a criança e os seus pais ou isto é o resultado da natureza de um processo espontâneo em que não há qualquer intervenção, nem é necessária? Será que esta ligação pode ser tratada, reparada? Santos sempre defendeu que existia uma função terapêutica da Pedagogia e uma função pedagógica dos Tratamentos e dos Cuidados Psiquiátricos. Assim, em 1975, nasceu a Pedagogia Terapêutica, que pôs em prática na Casa da Praia, hoje Centro João dos Santos.

Para João dos Santos, a Arte de Educar e a Arte de Curar seriam idênticas nas suas bases. A Arte de Educar, de Curar e Amar são uma e a mesma coisa, na esteira de Freinet para quem educar é um acto de amor.

Se a criança entender o verdadeiro valor da amizade e a importância da partilha, a vida será mais simples e maior alegria tirará com o passar dos anos. Assim, o *segredo da vida não é ter tudo o que se quer, mas amar tudo o que se tem ... ou [...] é mais importante aquilo que o mestre é, do que aquilo que sabe.*

Quando visitava as instituições, estava atento a tudo e nunca esqueci a visita a uma instituição de crianças cegas, com as salas completamente vazias, sem qualquer adorno, sem uma jarra de flores. Perante a justificação desse facto: “*porque eram crianças cegas*”, a sua resposta parecia paradoxal: *precisamente por isso, era importante haver flores e tudo o mais...* e depois dava a explicação dessa necessidade de criar ambientes agradáveis e bonitos...porque as crianças sentem o que se passa à volta delas, mesmo sendo cegas e até para o próprio pessoal!

Outra intervenção que achava essencial na formação dos técnicos, qualquer que fosse a sua especialidade, era a articulação com a Justiça. É preciso dizer-se que o Juiz Armando Leandro (Juiz Conselheiro do Supremo Tribunal de Justiça) foi a peça fundamental nesta ligação.

No Verão “quente” de 1974, após a Revolução dos Cravos, numa reunião na Aula Magna do Hospital de Santa Maria, completamente cheia, uma enfermeira de Pediatria, exaltada, dizia que tinha na sua enfermaria uma menina de quem não gostava, embirrava com ela! Ouviram-se gritos de indignação de todos os lados. Tranquilamente, João dos Santos, dá-lhe os parabéns porque ela tinha ousado falar de uma coisa que muita gente pensava, mas não dizia! E perguntava: “*porque é que esta menina não se deixava amar?*” Então deu uma lição sobre as pessoas incapazes de amar, porque nunca foram amadas... Ficámos com a convicção que “salvou” aquela relação.

João dos Santos lamentava que as autoridades de saúde mental manifestassem um total desinteresse pela prevenção, e creio ter sido este um dos factores que o levou interessar-se pela Educação, acreditando que seria no período escolar, o último da vida da criança, em que poderiam ainda ser eficazes as medidas preventivas. E assim em 1970, durante cinco dias, realizou-se no Hotel do Porto Novo, no Vimeiro, um seminário de Higiene Mental na Escola, onde estiveram presentes, além das equipas de Saúde Escolar de Lisboa e arredores, o francês André Berge, Ruy Grácio, Bairrão Ruivo e tantos, tantos outros, muitos já falecidos.

Pode concluir-se que a saúde mental não é um campo estritamente médico e é um assunto *demasiado sério para ser entregue só aos psiquiatras*, daí o facto de ser necessária a contribuição de sociólogos, urbanistas, filósofos, educadores e políticos. Afirmar que a *“arte da vida consiste em saborear o mel da vida mesmo quando a adversidade nos atinge ...”* levou João dos Santos a preocupar-se com a prevenção como poucos pedopsiquiatras, que também eram psicanalistas, o fizeram.

Para João dos Santos, a prevenção e a investigação são as actividades nobres da Saúde Mental Infantil. Defendia que uma ética do futuro devia fundar-se na audácia, até na execução de “actos clandestinos” para melhor poder ajudar as crianças e os jovens. Sem dúvida que poderá ser uma utopia, mas, como diz Victor Hugo (1802-1885), *a utopia é a verdade de amanhã.*

A partir destes factos, deu-se o progressivo abandono de uma psiquiatria clássica estática para uma psiquiatria com uma visão mais dinâmica, que vê a criança como um ser em transformação, na qual nenhuma doença mental pode aparecer definitivamente estruturada. Assim, foi necessário abordar os problemas da saúde mental infantil em termos preventivos e globais da saúde da criança, numa atitude mais abrangente do que a da psiquiatria.

Tenho sorte de ainda ter tempo de poder dizer estas palavras, para dar a conhecer o psiquiatra, o médico, que introduziu, em Portugal, a modernidade na maneira de observar e estar com a criança, e que ainda mantém uma actualidade impressionante. Esperamos que nada disto se perca. Não será que o que relatei tem a ver com o futuro? Era tão avançado para a época, que parecia que nós todos, seus colaboradores, antecipávamos também o futuro!

*“Se é verdade que a sua voz nem sempre foi ouvida e que dos seus projectos muitos ficaram na gaveta, também é verdade que o nome de João dos Santos está, ainda hoje, ligado à vontade colectiva de criar, na fantasia ou na prática, de muitos profissionais da área da saúde mental infantil.”*

Também não esqueceu os administrativos, defendendo uma maior aproximação destes com os técnicos, para se obter uma maior colaboração e compreensão do trabalho que se desenvolvia. Por essa razão, era à noite, uma vez por mês, que se realizavam reuniões, onde estavam técnicos e os administrativos mais



graduados, para discussão de alguns temas teóricos. Se nós não passarmos para as administrações, para os gestores a importância da saúde mental infantil, as soluções tornam-se muito mais difíceis. E deve-se a J. Santos o entendimento deste facto aparentemente banal.

A família actual, face às rápidas e profundas modificações socioeconómicas, tende a fragmentar-se e a alienar-se, correndo o risco de uma perturbação mental, particularmente evidente nas grandes metrópoles. Tem de se pensar na esperança que os pais põem na escola. Quando essa esperança é defraudada – há uma falha da sua auto-estima, surgindo sentimentos de rejeição.

A miséria representa um peso de consequências incalculáveis na organização da saúde mental das crianças.

Torna-se cada vez mais difícil para a família constituir-se como um espaço para a organização mental da criança, sendo mais um espaço desorganizador dos afectos e do pensamento. Quando os pais procuram os especialistas, eles não podem ser abandonados às suas inquietações, à sua desorientação.

Consideramos um grave erro metodológico, enviá-los a uma consulta de psiquiatria – a nossa intervenção é interferir na dinâmica relacional. No entanto, se esta for necessária, tem que ser estabelecida uma aliança terapêutica com o outro membro do casal, para podermos ajudar a criança.

Havendo uma perspectiva de vida mais longa, é indispensável também promover o elo entre avós e netos para a saúde das 3 gerações! Paradoxalmente, o que se assiste é a tendência para o isolamento da família nuclear.

Aqueles tempos que criaram Escola, com raízes nas experiências mais avançadas da Europa, deixaram referências obrigatórias na formação dos especialistas actuais. Apesar da crise e do desalento dos técnicos de então, acreditava-se que os horizontes não podiam ser negros e “que o saber só avança quando se é capaz de olhar a vida!” Foi com este Mestre que eu tive o privilégio de aprender e trabalhar, que marcou profundamente a maneira de estar na minha actividade clínica. Como é bom, ainda ter tempo de dizer estas palavras. Além de tudo o mais, o que aprendi que não vem nos livros: o modo de estar, o modo de receber e o respeito profundo pela criança e respectiva família, independentemente do seu estatuto social. E também o respeito pelos técnicos de todas as áreas que procuravam o Mestre para o ouvir.

E de tudo quanto disse, entende-se que continuamos a vislumbrar o futuro em João dos Santos, visto que permanece vivo e que as suas noções de saúde mental da criança e de prevenção, continuam perfeitamente actuais! Se toda a educação tem que ser poética, como dizia Jacinto Prado Coelho (1920-1948), professor de Filologia Românica, de igual modo todo o estar, todo o ser, todo o fazer ...e, João

dos Santos, como Poeta da Criança, era também, como afirmava a escritora Matilde Rosa Araújo (1921-2010), o evangelho junto dela...

Em 1984, João dos Santos, foi agraciado pelo Presidente da República General Ramalho Eanes com o grau de Comendador da Ordem de Benemerência. E em 1985, a Faculdade da Motricidade Humana atribuiu-lhe o título de Doutor Honoris Causa. Foi também homenageado pela Ordem dos Médicos com a Medalha de Mérito.

E, finalmente, fazendo minhas as palavras de Einstein (1879-1955) por muito velho que se seja, pode ser-se mais jovem do que nunca. Isto, ao fim e ao cabo, quer dizer que não se deve romper o cordão que une ao sonho, as crianças, os jovens e também os técnicos. Com efeito, a pessoa só é velha quando os desgostos tomam o lugar do sonho e, como disse o escritor inglês Bernard Shaw (1856-1950) envelhecer é ser capaz de se ser mais jovem durante mais tempo do que os outros.

Pergunto: Vale a pena continuar a utopia? É obrigatório gostar daquilo que fazemos, para além de se gostar da Poesia, da Madrugada, do Sol, da Lua, da Sinfonia das flores, da alegria malandra do Vento!...

Deve ter-se um grande amor por alguém, ou mesmo sentir a falta de o não ter – para se poder viver e aguentar o peso dos anos e da dor. Estas são as palavras cruzadas do meu sonho, palavras encerradas na prisão da minha vida e roubadas ao Poeta António Ramos Rosa ... E assim escreveu outro poeta: o psicanalista, o psiquiatra João dos Santos que nos deixou com 70 anos: “Por pouco não matei toda a gente, para ficar só com os bons, os sábios e os inteligentes. Cansado de procurar a verdade, acabei por matar em mim o desejo de matar!...”

Provavelmente como acontece com todos nós?...

### **Referências**

Araújo, M. (1950). Escola do Rio Verde. Livros Horizonte.

Berge, André (1961). Liberté dans l'Education. Scarabé Ézaville.

Borges, M. A. (1975). As Três Fases da Pedagogia. Livros Horizonte.

Coelho, J. P. (1949). Diversidade e Unidade em Fernando Pessoa. Livraria Bertrand.

Duarte, P. & Cruz, M. (1994) João dos Santos - o Prazer de Existir. Edição da Liga Portuguesa dos Deficientes Motores e do Colégio Eduardo Claparède.

Grácio, R. (1969). A Educação e os Educadores. Livros Horizonte.

Hugo, V. (1862). Os Miseráveis. A. Lacroix.

Mendonça, M. (2002). Mais vale prevenir. Memórias de uma Época e de um Contributo para a Saúde Mental Infantil. Minerva.

Rosa, A. R. (2018). *Obra Poética*. Assírio & Alvim.

Ruivo, B. (1986). *Educação pré-Escolar: Perspectiva Longitudinal*. Revista de Psicologia e de Educação, 143-155.

Shaw, B. (1916/1941). *Pigmalião*. Publicações Europa-América.

Vidigal, M.J. (2013) O que aprendi com João dos Santos que não vem nos livros. Comunicação nas Comemorações do Centenário de João dos Santos, não publicada.

Vidigal, M.J., Queiroz, M., Cruz, M., Santos, M. & Guapo, M. (1999). Memórias de Utopias: elementos para a história da saúde mental infantil em Portugal. ISPA.

Vidigal, M.J. (2016). *Contributos para a História da Psiquiatria e Saúde Mental em Portugal*. Trilhos Editora.